

Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

VOL. 14 / 2020



2020

Limite. Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

Revista científica de carácter anual sobre estudios portugueses y lusófonos, promovida por el Área de Filologías Gallega y Portuguesa (UEx) en colaboración con la SEEPLU.
<http://www.revistalimite.es>

CONSEJO DE REDACCIÓN

Director – Juan M. Carrasco González: direccion@revistalimite.es

Secretaría – María Luísa Leal / M^a Jesús Fernández García: secretaria@revistalimite.es

VOCALES

Carmen M^a Comino Fernández de Cañete (Universidad de Extremadura)

Christine Zurbach (Universidade de Évora)

Julie M. Dahl (University of Wisconsin-Madison)

Luisa Trias Folch (Universidad de Granada)

M^a da Conceição Vaz Serra Pontes Cabrita (Universidad de Extremadura)

Iolanda Ogando (Universidad de Extremadura)

Salah J. Khan (Universidad de Extremadura)

Teresa Araújo (Universidade de Lisboa)

Teresa Nascimento (Universidade da Madeira)

COMITÉ CIENTÍFICO

Ana Luísa Vilela (Universidade de Évora)

Ana Maria Martinho (Universidade Nova de Lisboa)

António Apolinário Lourenço (Universidade de Coimbra)

Antonio Sáez Delgado (Universidade de Évora)

Cristina Almeida Ribeiro (Universidade de Lisboa)

Dieter Messner (Universität Salzburg)

Gerardo Augusto Lorenzino (Temple University, Philadelphia)

Gilberto Mendonça Teles (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Hélio Alves (Universidade de Lisboa)

Isabelle Moreels (Universidad de Extremadura)

Ivo Castro (Universidade de Lisboa)

José Augusto Cardoso Bernardes (Universidade de Coimbra)

José Camões (Universidade de Lisboa)

José Cândido Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa – Braga)

José Muñoz Rivas (Universidad de Extremadura)

Maria Carlota Amaral Paixão Rosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

M^a Filomena Candeias Gonçalves (Universidade de Évora)

M^a da Graça Sardinha (Universidade da Beira Interior)

M^a Graciete Besse (Université de Paris IV-La Sorbonne)

Maria Helena Araújo Carreira (Université de Paris 8)

Nuno Júdice (Universidade Nova de Lisboa)

Olga García García (Universidad de Extremadura)

Olívia Figueiredo (Universidade do Porto)

Otília Costa e Sousa (Instituto Politécnico de Lisboa)

Paulo Osório (Universidade da Beira Interior)

Xosé Henrique Costas González (Universidad de Vigo)

Xosé Manuel Dasilva (Universidade de Vigo)

EDICIÓN, SUSCRIPCIÓN E INTERCAMBIO

Servicio de Publicaciones. Universidad de Extremadura

Plz. Caldereros, 2. C.P. 10071 – Cáceres. Tfno. 927 257 041 / Fax: 927 257 046

<http://www.unex.es/publicaciones> – e-mail: publicac@unex.es

© Universidad de Extremadura y los autores. Todos los derechos reservados.

© Ilustración de la portada: Miguel Alba. Todos los derechos reservados.

Depósito legal: CC-973-09 . I.S.S.N.: 1888-4067

Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

VOL.14 – Año 2020

*Traducción e Interpretación Pedagógica y Enseñanza de
Portugués Lengua Extranjera*

Coordinación

Ana Belén García Benito

Ana María Díaz Ferrero



Bases de datos y sistemas de categorización donde está incluida la revista:

ISOC y DICE (Consejo Superior de Investigaciones Científicas), Dialnet, Latindex, CIRC (Clasificación Integrada de Revistas Científicas).



Juan M. Carrasco González, director de la revista, tiene el placer de anunciar que *Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía* ha sido aceptada para su indexación en el Emerging Sources Citation Index, la nueva edición de Web of Science. Los contenidos de este índice están siendo evaluados por Thomson Reuters para su inclusión en Science Citation Index Expanded™, Social Sciences Citation Index®, y Arts & Humanities Citation Index®. Web of Science se diferencia de otras bases de datos por la calidad y solidez del contenido que proporciona a los investigadores, autores, editores e instituciones. La inclusión de *Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía* en el Emerging Sources Citation Index pone de manifiesto la dedicación que estamos llevando a cabo para proporcionar a nuestra comunidad científica con los contenidos disponibles más importantes e influyentes.

Limite

Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía

Vol. 14 – 2020

Traducción e Interpretación Pedagógica y Enseñanza de Portugués
Lengua Extranjera

SUMARIO / SUMÁRIO

- Ana Belén García Benito / Ana María Díaz Ferrero** – Eliminando preconceptos sobre el uso de la traducción y de la interpretación pedagógicas en la enseñanza del portugués como lengua extranjera 9-23
- Rocío Alonso Rey** – El lugar de la traducción en la metodología de enseñanza del PHE en niveles iniciales: el tratamiento de contenidos competenciales 27-54
- Rafael Porlán Moreno** – Integración de la interpretación pedagógica en el aula de idiomas: investigación-acción, competencias y actividades didácticas en lengua oral 55-75
- Dolores Lerma Sanchis** – La traducción en clase de lengua extranjera: una perspectiva comunicativa 77-100
- Ana María Díaz Ferrero / Rosemeire Selma Monteiro-Plantin** – A tradução da fraseologia como estratégia de ensino de línguas próximas 101-127
- Luciana Montemezzo** – Ensinar e pesquisar. Tradução em contextos dessemelhantes: processos e diálogos 129-150
- Rebeca Hernández** – La traducción de textos literarios del portugués al español como recurso de aprendizaje transversal para estudiantes de PLE 151-169
- Varia**
- Juan M. Carrasco González** – A imagem do português fronteiriço: paisagens linguísticas na região de Valencia de Alcántara 173-204
- Jussara Dallemole / Paulo Osório** – Abordagem dialetológica e sociolinguística da variação lexical em dois pontos regionais do português: análise do campo semântico “Jogos e Diversões Infantis” 205-232

Bárbara Garrido – <i>¿AcaDEmia o acadeMia?</i> Palabras heterotónicas en el aprendizaje de portugués como lengua extranjera por hablantes de español	233-262
João Medina – Samuel Schwarz (1880-1953). Judeu português, historiador e arqueólogo	263-280
Ana Isabel Moniz / Marfa-Pilar Tresaco – Adaptções em banda desenhada de <i>Viagem ao Centro da Terra</i> de Jules Verne	281-295
Gustavo Rodrigues da Silva – <i>Jerusalém</i> de Gonçalo Tavares: obra contemporânea, pós-modernista e canônica na narrativa portuguesa do século XXI	297-309

Reseñas / Recensões

Xosé Manuel Dasilva – Luís de Camões, <i>20 Sonetos</i> , Campinas, Editora da Unicamp, Introdução e edição comentada de Sheila Hue, 2018, 144 pp.	313-317
Xosé Manuel Dasilva – Cervantes y Camões. Contrastes y divergencias, Madrid - Lisboa, Instituto Cervantes - Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, 2018, 66 pp.	317-321
Sérgio Guimarães de Sousa – Eduardo Mahon, <i>Alegria</i> , Cuiabá, Carlini & Caniato, Porto Alegre, Editora Sulina, 2018, 175 pp.	322-325
Leonor Martins Coelho – José Tolentino Mendonça, <i>O que é amar um país. O poder da esperança</i> , Lisboa, Quetzal, 2020, 123 pp.	325-330
Santiago Pérez Isasi – Roberto Samartim e Carlos Pazos-Justo (eds.), <i>Portugal e(m) nós. Contributos para a compreensão do relacionamento cultural galego-português</i> , Vila Nova de Famalicão, Húmus / Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, 2019, 249 pp.	330-334
José Cândido de Oliveira Martins – Dora Nunes Gago, <i>Uma Cartografia do Olhar: Exílios, imagens do estrangeiro e intertextualidades na Literatura Portuguesa</i> , Famalicão, Húmus, 2020, 194 pp.	334-336
Maria Luísa Leal - António Sá, Famílias na guerra: pesadelo infantil, Cacém, Bubok Publishing, 2013, 91 pp.	336-339
Normas de publicación / Normas de publicação	341-343

Essência) e a relação privilegiada com uma obra literária chinesa (*O Sonho do Pavilhão Vermelho*). E termina com as ressonâncias intertextuais de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade na poesia de Jorge de Sena, a confirmar o fundo interesse seniano pela literatura e cultura brasileiras.

Concluindo: nesta cativante cartografia de olhares de Dora Nunes Gago – “travessia pelos múltiplos exílios, imagens dos estrangeiros e intertextualidades” (p. 181), como conclui a investigadora —, estamos perante um notável conjunto de ensaios literários, crítica e hermeneuticamente muito bem argumentados, além de seleccionarem autores e temáticas que confluem para o tema do projecto de investigação escolhido, por um lado; e, por outro, estamos diante de ensaios norteados pela maior actualidade, já que somos testemunhas de significativos fenómenos de migrações e deslocações à escala global, com reconhecido impacto no mundo contemporâneos, nos planos político, ideológico, sociológico, cultural e antropológico.

Numa deseável *poética da relação* (E. Glissant), assiste-se à configuração de uma complexa rede de hibridismos e de tensões culturais, que levam à “expulsão do outro” (Byung-Chull Han). E, como nos demonstra a obra desta investigadora, tocada por um evidente olhar humanista, a literatura pronuncia-se sobre estas magnas questões de hoje, tem uma palavra a dizer que não deve ser ignorada.

António Sá, *Famílias na guerra: pesadelo infantil, Cacém, Bubok Publishing, 2013, 91 pp.*

Maria Luísa Leal
 Universidad de Extremadura
 lleal@unex.es

Três crianças, junto com uma família que episodicamente as acolhe, abandonam num êxodo forçado a urbe de Malanje, situada no norte de Angola, realizam um longo périplo acidentado pelos arredores, com sucessivas famílias que encontram no percurso, e enfim regressam ao ponto de partida. Trata-se, portanto, de um relato de estrutura circular, cujo registo se aproxima da reportagem de guerra, especificamente de um episódio da guerra civil angolana, que se arrastou por muitos anos, após a independência da República Popular

de Angola, ocorrida em 1975. Nesta reportagem assinala-se, logo de início, o confronto bélico entre os dois movimentos em presença, conhecidos pelas siglas MPLA, partido institucionalizado no poder, e UNITA, força beligerante disputando esse poder. Assim, a novela *Famílias na guerra: pesadelo infantil* parte da situação histórica dos acontecimentos e, ao longo da narrativa, procede-se a uma persistente notação do decurso do tempo, de setembro de 1988, até ao regresso das três crianças à cidade, em junho de 1990. Como para o tempo, faz-se a indicação da geografia percorrida: os lugares urbanos onde os habitantes se encontram acossados, o percurso inicial do êxodo, a providencial, mas insegura, instalação nos aquartelamentos de uma empresa agropecuária em decadência, as matas e sanzalas onde os fugitivos se escondem das constantes investidas dos soldados de uma e de outra das fações, tão predadores uns quanto os outros. A recorrente localização temporal e geográfica pontua a narrativa ao modo de um *leitmotiv* (a tentativa de reunião com os familiares próximos) e insiste na referência aos lugares onde, supostamente, se encontrariam a mãe e o pai das crianças, eternos ausentes. Esta vertente de reportagem, sustentada por um trabalho baseado no funcionamento da referencialidade espaço-temporal, constitui o terreno onde se implanta a efabulação sobre a trajetória das três crianças, sempre enquadradas pelos sucessivos grupos familiares que as acolhem e acompanham, substituindo-se por morte ou desaparecimento de anteriores famílias – daí decorrendo a primeira parte do título da novela: *Famílias na guerra*.

A efabulação tende a refletir estados psicológicos coletivos, no movimento compulsivo a que estão sujeitos os três protagonistas e as famílias, parte de toda uma população urbana que se deslocaliza, gente simples e de instrução rudimentar, embora integrando estudantes, além de mulheres e homens com formação política, perceptível no discurso que expendem. Mas na generalidade trata-se de gente simples, e a construção das frases, o vocabulário, não reproduzem decerto o seu modo africano de falar o português, mas articulam-se como sugestão do mesmo. Veja-se este exemplo: “Havia sempre conversas, cada hora do dia, sobre todas as coisas que era de fazer, as semanas eram logo depois, começou uma semana, veio outra” (p. 23). As estruturas fráscas, nos diálogos, reportam por aproximação o falar corrente: “Tem de haver intervalo alguma hora no tiroteio, aí aproveita, toca logo a sair os grupos, cada grupo na sua vez.” (p. 6). Sublinhe-se que, em conjunto com o trabalho sobre a referencialidade espaço-temporal, esta

mimetização do discurso contribui para a aproximação entre a efabulação e a reportagem, base da verosimilhança desta novela.

Mas é uma efabulação que se declina sobretudo em termos de sobressalto e angústia permanentes, que obrigam ao movimento incessante num universo distópico. Neste caso, a guerra é o quadro externo que o justifica, mas, se relacionarmos esta novela com outras obras de António Sá, nomeadamente a trilogia ficcional *Viagem a um novo campo de estrelas*, constituída pelas novelas *Meio-irmãos* (1988), *Novo drama* (2003) e *Reencontro* (2009), encontramos o mesmo movimento imperioso de deslocação para lugar nenhum, durante a qual tudo se deteriora e põe em risco os protagonistas. Entre a distopia de um universo aparentado com a ficção científica e aquela que caracteriza um mundo em guerra, o movimento das personagens mostra a insuficiência do esforço individual para encontrar espaços seguros, abrigos, lares. No caso das crianças, a sua total vulnerabilidade, o pouco que possuem e o muito de que precisam, provocam empatia no leitor. Surpreendentemente, no universo da novela, todos laços empáticos dão lugar a uma lei de sobrevivência que apaga quaisquer traços de sentimento. É talvez por isso que certos momentos assumem importância por significarem uma certa distensão. Alguns momentos das refeições são precisamente os mais distendidos. Dos alimentos e sua eventual escassez, bem como das bebidas, ao longo dos dias e segundo as ocasiões, faz-se uma relação completa, nomeando os ingredientes e explicando a confeção respetiva, com recurso aos termos nativos, o que justifica a inclusão de um *glossário*, útil para dilucidar vocábulos culinários e outros, relativos a aspetos comuns da vida diária. Se nos abstrairmos destes momentos de distensão, onde as conversas correm com relativa liberdade, a maior parte do relato incide nos frequentes episódios de ataques, assédio e rapina, havendo momentos da mais pungente violência bélica, em que são feridos de morte, indiscriminadamente, os fugitivos e os habitantes das sanzalas. Esta constituirá a outra vertente da novela, que justifica a segunda parte do título: *pesadelo infantil*. As crianças vão passando incólumes por todas estas provações e pela experiência de formas de violência total: execuções sumárias, rebentamento de obuses e minas que esfrangalham os vivos, rapto de jovens de ambos os sexos usados conforme os ditames das fações em guerra. E, neste ambiente de *pesadelo*, as crianças não perdem o foco: reencontrar a mãe e o pai, que se encontram em geografias divergentes.

Interrogado sobre a veracidade da história contada, António Sá respondeu tratar-se de uma “história desencadeada na imaginação do autor após ouvir o relato do episódio vivido pelo protagonista, que deu um testemunho circunstanciado, seguido de múltiplas entrevistas e revisões conjuntas de texto” (<https://www.bubok.pt/blog/entrevista-a-antonio-sa-autor-do-livro-familias-na-guerra/>. Último acesso: 24-07-2020). O facto de se ter cruzado com uma vítima infantil do referido conflito bélico disposta a dar testemunho da sua vivência levou António Sá à criação de uma novela em que, apesar da ancoragem no real, prima a liberdade de efabulação. E, pela virtualidade própria da literatura, que abre as portas da mera vivência à intemporalidade e universalidade do universo mítico, *Famílias em guerra: pesadelo infantil* revela-nos a chaga, fala-nos da perda, coloca-nos *ante oculos* e sem a mediação de filtros sentimentais o espetáculo fragmentário da guerra. Para o autor, na já referida entrevista, perfila-se como “um exemplo dos danos das guerras atuais, todas as guerras. Desencadeadas por interesses claramente turvos e turvamente claros, e de que as principais vítimas são os civis, homens, mulheres e crianças usados e abusados pelas fações em litígio”.

Apesar do discreto lugar ocupado na máquina de distribuição que caracteriza o processamento das obras literárias, vale a pena ler esta novela tão breve quanto densa, tão capaz de nos transportar, em intrincados episódios, a lugares perigosos e condenados ao desconhecimento e ao esquecimento: o lado colateral das batalhas que nunca deixaram de livrar-se na tão sacrificada África.